

3

Unidos pelo quê? Sobre a socialização na cultura das sensações

“Eu acho que ser clubber é mais uma filosofia: Ser livre, fazer o que quer, tentar lutar por uma causa, mas ser clubber eu não sei nem qual é a causa.” (G, 18 anos)

Como já foi discutido acima, na atualidade, a cultura dos sentimentos, ou melhor, de algo que é construído com o tempo e sofrimento, foi substituída pela “cultura das sensações”. Sensações que são consumidas facilmente e sem dor, na tentativa de preenchimento, de encontro. Vivemos numa sociedade que, talvez, cultue o hedonismo na sua ideologia, como expressou uma das entrevistadas.

“A ideologia é viva e deixe viver sem stress nenhum.” (G, 23 anos).

Hoje em dia nos unimos pelos prazeres que compartilhamos ou pelos acessórios que combinamos. Maffesoli (1987), em seu livro *Tempo das Tribos*, aponta para a necessidade de mudarmos nossas maneiras de avaliar os reagrupamentos sociais, ou melhor, o *estar junto* nos tempos atuais. Na sua visão, o que vem acontecendo nos centros urbanos é a substituição de um social racionalizado por uma “*socialidade empática*”.

Ele postula que novas formas de socialização, assim como novas “tribos” urbanas, estão surgindo, com isso explicitando que o engajamento de corpo e alma, como já foi dito, foi substituído por uma participação passageira. Segundo Maffesoli (1987), torna-se quase impossível não vermos o caráter leve e efêmero dessas novas formas de participação. Para ele, a morte do indivíduo burguês coincidiu com o fim de uma moral totalitária, o que contribuiu para a forma moda tornar-se imperativa. E daí emergiu uma ética sem sanção ou obrigação, uma ética da estética com o

experimentalizar junto. Nós nos unimos pelo que consumimos, seja moda, música, ou até pessoas.

“Era para participar do grupo. Era pela música mesmo, pelo estado de transe, dançar e suar.” (J, 21 anos)

Esse depoimento deixa claro a forma como se dá a socialização em festas *Raves* pelos sujeitos que usam a moda *Clubber* ou *Raver*. Eles não compartilham uma ideologia, apenas compartilham uma forma de sentir em comum. Ou talvez seja essa mesma a ideologia vigente na “cultura das sensações”. Esse tipo de socialização, pelo sentir em comum, explicitado especialmente nas festas *Raves*, mostra como esse tipo de festa é o espelho da sociedade atual, para a qual o ter, principalmente sensações, se faz obrigatório e nos une, agrupa e identifica. Estamos juntos pelo que nossos sentidos compartilham, seja a música que chega aos nossos ouvidos, as imagens projetadas no telão ou até o tato modificado pela droga ingerida, como veremos a seguir. A ideologia atual parece ser: Sinta, consuma e, assim, exista.

“É muito contraditório. Os hippies, por exemplo, lutavam pela paz. Quando eu era clubber estava cagando para política. Eu só queria saber de mim, meus amigos e minha vida.” (A, 19 anos)

“Eu acho que não existe uma ideologia hoje em dia. Eu não tenho, tipo faço isto por causa disto... Eu acho que as pessoas não se juntaram por algo maior mas sim pela música. Eu acho que isto é um reflexo da sociedade em geral onde as pessoas querem ganhar dinheiro, sobreviver. Quero o meu primeiro, não tem um ideal uma coisa de lutar por algo. Você tem que ganhar sua grana. Tem muito isto.” (L, 23 anos)

“Não tem filosofia nenhuma. Não que as pessoas seguem uma filosofia mas sim uma onda. Isto tudo para mim nada mais é do que a nova geração, já tiveram outras. Você dança conforme o vento, conforme a onda.” (V, 29 anos)

“Não tem ideologia para mim. É tudo meio falso. Um monte de gente que nem sabe o que está falando. Acho que é viver numa proposta mas, que não é real. Ah cara não vejo nada.” (P, 22 anos)

Para Maffessoli, a hipótese da *socialidade* baseia-se no fato de que se partilhar um hábito, uma ideologia ou um ideal é o que determina o estar junto hoje me dia. Mas, segundo ele, depois da desumanização real da vida urbana, agrupamentos específicos foram promovidos com a finalidade de se partilhar paixões e sentimentos. E, contrariamente a muitos outros autores, Maffessoli aponta para o declínio do individualismo nas sociedades de massa, postula que o que surge atualmente é um *neotribalismo* caracterizado pela fluidez, reuniões pontuais, ou melhor, por momentos de êxtase (saída estática de si) e principalmente pela identificação.

Segundo Rabello e Castro (1998), as grandes cidades se tornaram reduto da cultura de consumo, locais de corpos e imagens em constantes mutações. Dessa forma, os jovens mostram-se atentos à imagem que exibem, já que esta pode permitir ou impedir-lhes o trânsito pelo social. Visto isso, eles não tratam as roupas e o corpo de forma ingênua ou desavisada. Mudam seus estilos, cabelos e roupas na tentativa de acompanhar o veloz fluxo de mercadorias e imagens que surgem, para se sentir pertencentes. Essas constantes metamorfoses podem gerar, segundo a ótica da autora, novos estilos urbanos que possivelmente contribuem para novas identidades tidas como multifacetadas e plurais, as quais foram apontadas por Maffessoli (1987) como características da contemporaneidade.

“Acho que rola uma identificação pelas roupas mesmo. Você acaba rotulando as pessoas.” (P, 22 anos)

“Acho que rola muito esta comunicação pela roupa. Hoje em dia dentro da música eletrônica você tem grupos divididos onde nos diversos tipos de música eletro cada tipo é um tipo de roupa, de atitude.” (L, 23 anos)

Maffesoli (1987) propõe então a substituição atual da lógica da identidade pela da identificação, que está em acordo com os depoimentos acima. Para ele, a lógica da identidade que prevaleceu durante a Modernidade, correspondente a um modelo individualista de identidades estáveis e centradas, deve ser substituída pela lógica da identificação, que coloca em cena pessoas de máscaras variáveis.

A lógica da identificação pressupõe um modelo emergente de identidades múltiplas e fluidas, permitindo aos sujeitos um trânsito mais livre de aparências e de valores. Para Maffesoli, na atualidade, as roupas são máquinas de se comunicar e a aparência é causa e efeito dessa atividade comunicacional. Trata-se de uma exterioridade, pintar-se, vestir-se, enfeitar-se, tudo isso, além de compartilhar sensações, é o que torna visível e possível o estar junto da contemporaneidade.

“Eu vim de Porto Alegre morar aqui em São Paulo e lá a cena não existe mas já me chamava a atenção de ouvir falar e quando entrei aqui a identificação foi automática. Identificação primeiro pela música, você entra pela música e, depois, o estilo daquelas pessoas.” (G, 23 anos)

“Difícil dizer, acredito que as pessoas se identificavam pela descoberta daquilo. Era uma coisa nova que ninguém conhecia.

No primeiro momento o que vai te atrair é a aparência daquela pessoa. Você começa a frequentar este submundo mas que na verdade são as mesmas pessoas, então começa a virar um clube mesmo, todo mundo se conhece. É uma galera que curte aquilo, que nem, sei lá, um pessoal do prédio.” (L, 23 anos)

Com base nessas declarações é possível dizer que há, hoje, uma possibilidade muito maior de se entrar em relações, mas permanecendo livre e autônomo. Os avanços tecnológicos trouxeram a facilitação e, conseqüentemente, o aumento das trocas. Troca-se de roupas assim como de idéias, sem cerimônia e num curto espaço de tempo. É a “cultura das sensações” imperando! E este parece ser um dos paradoxos mais evidentes

de nossa época: tem-se cada vez mais contatos e, ao mesmo tempo, os contatos são cada vez mais fugazes e superficiais, como as trocas de roupas.

“É, me identifiquei procurando um estilo. Não sabia nada da vida e comecei a procurar e freqüentar lugares assim, mas fiquei roqueira primeiro e só depois virei Clubber.”
(A, 19 anos)

Para Maffesoli, o fato de nossos tempos que merece destaque é a multiplicação dos pequenos grupos de redes existenciais, ou melhor, as novas tribos que surgem nas megalópoles modernas, onde o vínculo se estabelece pela estética e emoção compartilhada. Segundo esse autor, não devemos falar de *Stimmung* de uma época, mas sim de *Feeling* de uma situação, pois é isso que caracteriza o neotribalismo. A forma de socialidade de nossos dias caracteriza-se pelo vai-e-vem das tribos urbanas.

Concluimos assim, por tudo visto até aqui, a nossa justificativa da escolha da tribo “*Clubber*” para , através dos discursos dos entrevistados junto com a ajuda dos conceitos de socialidade empática e da teoria das identificações, exemplificar ou espelhar a forma de socialização que vigora nos dias de hoje.

“A música eletrônica é a tua relação com o que está rolando ali, então você não dança junto com alguém. E, se a atração da noite é a música isto faz portanto que seja um ambiente individual, é fato.” (AT, 25 anos)